

A imigração alemã no Brasil à luz dos relatórios dos cônsules do Império Alemão no início do século XX*.

Ewa Anuszevska

A política do governo brasileiro iniciada nos anos vinte do século XIX influenciou o crescimento do movimento emigracional para esse país. Visando o desenvolvimento e a modernização do país, favorecia a afluência da população europeia. Querendo estimular os emigrantes na escolha do Brasil como lugar de estabelecimento, eram cobertos os custos de viagem e garantida a entrega gratuita de terras. Entre os primeiros grupos populacionais que afluam ao Brasil encontravam-se os Alemães¹. No período por mim analisado, parte das povoações habitadas pelos imigrantes alemães já existia há algumas dezenas de anos². Em comparação com outras comunidades imigracionais, a população de origem alemã não constituía um grupo numeroso³. O seu efetivo, a origem social dos emigrantes, principalmente dos meios rurais⁴, assim como

* As pesquisas foram realizadas nos quadros do programa MR/III/10/5.

1. As primeiras povoações dos colonos alemães — Leopoldina (Bahia) e Nova Friburgo (ao norte do Rio de Janeiro) — surgiram em 1818 (D. von Delhaes-Guenther: *Industrialisierung in Sudbrasilien. Die deutsche Einwanderung und Anfänge der Industrialisierung in Rio Grande do Sul*, cid. de Colônia 1973, p. 30).

2. Os dados estatísticos referentes a este período estimam aproximadamente o número de imigrantes. W. Mönckmeier (*Die deutsche überseeische Auswanderung*, Iena 1912, p. 192) informa que a emigração alemã para o Brasil no período de 1847-1910 atingiu 89 268 pessoas. No «Annuaire du Brésil» (*Economique et Financier*), Paris 1929, p. 345, foi definida a grandeza da emigração alemã, no período de 1820-1920, em 131 441 pessoas.

3. Segundo as estimativas abrangendo os vinte anos de entreguerras, o grupo mais numeroso, constituindo cerca de 35% do total dos chegados, era formado pelos Italianos, a seguir pelos emigrantes de Portugal — cerca de 30%, da Espanha 15%, da Alemanha 5%. (M. Kula: *Polonia brazylijska [Colônia Polonesa do Brasil]*, (em impressão).

4. Para o estado do Rio Grande do Sul, que concentrava a maioria da emigração alemã, chegaram no período de 1889-1914 cerca de 80% dos emigrantes relacionados (no país de origem) com a agricultura. (D. von Delhaes-Guenther: *Industrialisierung...*, p. 72).

o carácter da colonização no território do Brasil, permitem fazer uma comparação da imigração alemã com a população de origem polonesa⁵. Ao escolher a minoria alemã, aproximada da polonesa, procurei acompanhar o processo de adaptação daquela população às novas condições. Para a elaboração do meu trabalho serví-me dos materiais de arquivo do Ministério alemão dos Assuntos Estrangeiros, que se encontram no Arquivo Central do Estado da RDA, em Potsdam. São principalmente relatórios dos cônsules de Curitiba (sobre o estado do Paraná) e de Porto Alegre (sobre o estado do Rio Grande do Sul) enviados á Alemanha. Contêm opiniões e observações gerais dos representantes dos postos diplomáticos sobre as condições econômico-sociais do grupo alemão no Brasil. Pequena parte do material é constituida por relatórios comerciais elaborados no consulado sobre a situação econômica da província e pela correspondência dos colonos alemães, contendo solicitação da intervenção do consulado junto às autoridades brasileiras.

Na economia brasileira o café constituía, desde a metade do século XIX até a grande crise dos anos trinta do século XX, o ramo dinâmico da produção agrária e o principal artigo de exportação. O segundo setor abrangia as áreas de produção do açúcar e do algodão, assim como a extensa esfera da economia denominada de autoconsumo. Esse tipo de economia domina nos estados: do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso. Com excepção desse último estado, os outros constituíam as regiões para onde, principalmente, os emigrantes eram dirigidos. A base dessa economia era a «roça», isto é, pedaço de selva derrubada [clareira — *nt*] transformada em terra cultivada. Para ocupar os novos terrenos as árvores maiores eram cortadas e, a seguir, ateava-se fogo. Entre as árvores derrubadas e troncos semi-queimados fazia-se a sementeira ou plantavam-se as plantas cultiváveis. Para os objetivos relacionados exclusivamente com a alimentação da família essa técnica agrícola primitiva era suficiente. Tal sistema — de roças — possuía carácter exclusivamente natural e o agricultor era obrigado a procurar meios para cobrir as despesas indispensáveis⁶.

5. «No período da não existência de uma Polónia independente, no Brasil surgiu uma concentração de emigrantes poloneses, cujo efetivo era estimado na época em 75-140 mil». K. Groniowski: *Polska emigracja zarobkowa w Brazylji 1871-1914 [Emigração polonesa por motivos económicos no Brasil nos anos 1871-1914]*, Wrocław 1972, p. 275.

6. C. Furtado: *Rozwój gospodarezy Brazylji [Desenvolvimento económico do Brasil]*, Warszawa 1967, pp. 199-201.

Nos primeiros meses de estadia na nova terra os colonos alemães, assim como de outras nacionalidades, podiam contar com a ajuda por parte do Estado brasileiro. O nível das somas destinadas aos imigrantes mudava, entretanto, de ano para ano e não era proporcional ao seu número. Em 1908 chegaram ao Paraná cerca de 6500 imigrantes, enquanto o fundo de ajuda atingia 830 contos; em 1909 chegaram cerca de 5 mil pessoas, enquanto as subvenções aumentaram para 1879 contos; em 1910 para 2500 imigrantes foram destinados 1454 contos⁷. Segundo relatórios oficiais do serviço de colonização, de 1911, os custos de manutenção da família durante o primeiro ano deveriam atingir 1,6 contos⁸. Essa soma era composta pelo custo de transporte e pela manutenção nas terras brasileiras, desde o momento da chegada à colônia de destino, medição do terreno e derrubada do pedaço da selva, além da preparação de um ha de terra cultivável. Além disto, a casa, equipamento agrícola, sementes e remuneração para os colonos pelo trabalho em favor da administração, como também a assistência médica, coisas oficialmente prometidas pelas autoridades, na prática não eram asseguradas.

Desde 1911, no Paraná vigorava a lei sobre as formas de ajuda para os colonos durante o primeiro semestre da sua estadia no Brasil. Essa lei estabelecia que: 1) cada pessoa adulta deveria ser empregada, mediante remuneração, por quinze dias durante o mes em obras de construção ou outros trabalhos; 2) em caso de não se poder garantir esse trabalho, cada pessoa adulta deve receber produtos alimentares no valor de 800 reis a milreis, e cada criança de 3 a 7 anos, a metade dessas somas; 3) em caso de doença por um período de um ano o colono tem o direito ao recebimento gratuito de remédios e tratamento hospitalar; 4) as autoridades e a direção da colônia deveriam garantir assistência médica gratuita; 5) a direção, segundo sua consideração, distribui gratuitamente sementes; 6) em cada terreno entregue deveria ser construída casa, garantindo higiênicas condições de vida. Os custos da sua construção são distribuídos em prestações, sendo cobertos, com o tempo, pelo colono⁹.

Entretanto, a prática não correspondia ao texto da lei. Numa reclamação dirigida pelos colonos alemães ao Consulado de Curitiba lemos: «Em

7. Auswärtigen Amt [adiante: AA], 09.01, 30356 k. 6-7(1911). Os dados citados na fonte são dados oficiais brasileiros. Conto significa mil milreis. Milreis = 1000 reis.

8. *Ibidem*, k. 9.

9. AA, 09.01, 30356, K. 111-112 (1914).

muitos casos temos, após 20 dias da nossa chegada à colônia, de morar em barracas para emigrantes, porque não foram preparadas para nós acomodações independentes no local dos lotes atribuídos»¹⁰. As famílias trasladavam-se das barracas para os lotes para morarem em cabanas provisoriamente construídas. Um pequeno subsídio deveria lhes garantir os recursos para viverem. «Obtemos auxílio por 20 dias no mes no nível de 500 reis por pessoa com mais de 7 anos, os mais jovens nada recebem. Esse dinheiro, face a carestia atual não basta para a alimentação por um período inclusive de 20 dias[...] Pelos produtos alimentares e artigos de primeira necessidade na nossa colônia tem-se de pagar os seguintes preços: por um kg de café — 1,7 milreis, 1,5 kg de pão — 1 milreis, 1 kg de gordura — 2 milreis, 1 kg de sal — 400 reis, 1 kg de açúcar — 800 reis, de carne, toucinho, linguiças, em média, 1,25 milreis, 1 litro de feijão — 400 reis, de arroz — 500 reis, de sabão — 1 milreis, um litro de querosene — 700 reis, lata de leite — 1,2 milreis, 1 kg de farinha — 500 reis, de cebola — 1,5 milreis¹¹. Considerando o nível dos preços dos diversos produtos, o subsídio de 500 reis diários pode ser classificado de faminto. Bastava unicamente para a compra de 3/4 kg de pão ou cerca de 1 litro de feijão. Nessa situação os colonistas não podiam empreender trabalho na exploração dos lotes atribuídos; tinham de procurar ganhos que lhes permitissem cobrir os gastos correntes. «Somos obrigados a procurar emprego na construção de estradas[...]. A remuneração pelo trabalho é tão baixa que um pai de família não está em condições de ganhar para o alimento de seus membros. Dessa maneira na construção de estradas trabalham mulheres e crianças. As autoridades não deveriam isto tolerar, inclusive se na República Brasileira não vigora a lei da proteção do trabalho para a criança [...]. Por todo um dia de pesado trabalho estamos em condições de receber cerca de 3-3,5 milreis. Contudo, a família que se compõe em média dos pais e três filhos necessita para a manutenção de cerca de 4,75 milreis. É uma soma indispensável para a alimentação e nem se fala de que com esse dinheiro se possa comprar sapatos ou roupas»¹². O que mais faltava aos colonos era a prometida ajuda médica. As pessoas sofriam pelos acidentes que as vitimavam na construção de estradas, em caso de doença não podiam contar com os cuidados médicos. Reclamavam também

10. *Ibidem*, k. 116.

11. *Ibidem*, k. 116, 117, 118.

12. *Ibidem*, k. 117.

os colonos de que os capatazes das colónias não faz a entrega a cada um da correspondente quantidade de sementes e batatas sementeiras. Solicitavam ajuda: «Pedimos portanto através do Consulado que se nos elege a remuneração pelo trabalho realizado[...]. Gostaríamos que os vigias que operam o idioma da terra pudessem se entender conosco em alemão, para que não haja desentendimentos. Necessidade muito urgente é a garantia a nós de assistência médica, enfermeira e parteira[...]. O governo deveria equipar o serviço de saúde com cavalos para que se possa receber a ajuda em tempo adequado. Seria necessário também instalar um telefone para rapidamente trazer essa ajuda médica. Solicitamos às autoridades que abasteçam a colónia com outros produtos e não só alimentares. A seguir queremos que a administração empreenda a construção de uma escola e adequadas habitações, pois as condições provisórias nas cabanas criam o perigo de doenças»¹³.

À base dessa reclamação apresentada no consulado foi elaborado um documento oficial dirigido às autoridades. Em resposta a Inspeção Estadual para as Questões da Emigração (Bundesinspektorat des Einwanderungsdienst — Serviço Federal da Imigração) tomou atitude em relação a somente algumas objeções e forneceu os seguintes «esclarecimentos»: «O capataz da colónia distribui as sementes proporcionalmente em relação ao tamanho das famílias e dependentemente do grau de exploração da terra. Contudo, as pessoas que vigiam os trabalhos junto à construção de estradas conhecem suficientemente a língua alemã para dar as ordens correspondentes»¹⁴. Ficou esclarecido também que no estado do Paraná desde há muito não são construídas habitações para os colonos, porque o custo de construção aumentava o seu indvidamento; substituíram-nas as cabanas doadas, destinadas ao uso provisório. No que tange às objeções relacionadas com os subsídios diários, foi informado que criou-se o costume de que «cada família de colonos obtem, durante seis meses, por 500 reis diários para os adultos e 250 para as crianças com menos de 12 anos, independentemente da produtividade nas obras de construção de estradas, inclusive no caso de doença atestada pelo médico. Essas somas recebem 700 famílias estabelecidas na colónia de Cruz Machado»¹⁵. No final o autor da resposta solicita que os representantes

13. *Ibidem*, k. 118.

14. *Ibidem*, k. 110-111.

15. *Ibidem*, k. 111.

do consulado esclareçam aos colonos que as normas financeiras no caso das remunerações são para eles favoráveis à luz da prática dos anos anteriores. Contudo, os elevados preços dos produtos alimentares são provocados pelos custos do seu transporte. Ressaltou-se também que segundo a opinião do diretor da colónia muitos colonos alemães não são agricultores e inclusive nem sempre sabem para que servem certos instrumentos agrícolas.

A questão da escolha inadequada de candidatos para colonos aparece em sucessivos relatórios. O Consulado dava-se conta de que os emigrantes parcialmente vinham das pequenas cidades, principalmente do distrito do Reno. Essas pessoas estavam acostumadas a vida na cidade e não podiam se sentir bem nas colónias localizadas na selva. Por exemplo, muitos colonos em Cruz Machado eram antigos mineiros, artesãos ou operários de fábricas. Ainda segundo outra opinião: «Principalmente os Alemães, Holandeses e SUIÇOS para aqui trazidos são operários e trabalhadores urbanos que não têm noção sobre a economia agrária. Entre eles se encontravam pedreiros de Hamburgo, trabalhadores da fundição de ferro na fábrica Krupp, vigias de Berlim e diversos artesãos. Essas pessoas faziam-se passar por agricultores, pois queriam unicamente arranjar um passeio gratuito ao Brasil e após o período de seis meses, quando deixavam de ser mantidos pelo Governo e sua situação piorava, tentavam obrigar as pessoas que dirigiam a emigração e o Consulado a continuarem ajuda-los ou exigiam o retorno à pátria às custas dessas instituições. [...]. Após o primeiro período, quando os colonos sofreram uma série de decepções teve lugar uma verdadeira inundação de queixas e reclamações dirigidas às autoridades superiores e ao Consulado»¹⁶. Considerando as dificuldades acima citadas, às quais os imigrantes estavam expostos no primeiro período da estadia, é difícil aceitar a origem de parte dos emigrantes dos meios urbanos como barreira básica no processo de adaptação às novas condições. Escolhendo o Brasil como lugar de imigração supunham que os aguarda o trabalho no campo. Questão a ser refletida é o que os levou a escolha das colónias agrícolas brasileiras como lugar de destino da emigração. Eles próprios lembram — na queixa acima citada — a agitação dos agentes que delineavam ante eles a perspectiva da ajuda por parte do Estado no período inicial da exploração. Aliás, inclusive os agricultores de profissão tinham grandes

16. AA., 09-01, 30356 k. 7-8 (1911).

dificuldades com a adaptação a nova situação. As condições diferentes, das europeias exigiam a mudança do estilo de vida e dos métodos conhecidos do cultivo da terra. «Experimentados homens do campo[...] não estão em condições de aplicar as experiências europeias por causa das diferenças climáticas. O agricultor tem de aprender tudo de novo e gasta seu dinheiro fundamentalmente nos experimentos»¹⁷; «Infelizmente falta aos nossos emigrantes alemães o conhecimento sobre o cultivo da terra. Além disto, tendem a realizar somente os trabalhos mais, leves relacionados com a derrubada da mata. Com dificuldade aprendem dos antigos colonos como preparar a terra para a condução da sua "roça" e procuram emprego em trabalhos sob acordo ou jornada junto à construção das estradas. No trabalho junto à propriedade deixam suas, mulheres f...] Enormes prejuízos são causados pelas bebedeiras e gosto para a vida fácil. Nas colônias desses Alemães em toda parte encontram-se as vendas onde se pode comprar bebidas alcoólicas, junto a elas salas de diversão e dança. O indolente povo da Bavária não ve com prazer os sacrifícios, o trabalho pesado e não quer resignar do viver a vida simplesmente [...]. Pode-se encontrar entre eles exemplos de pessoas que graças à vontade forte e entusiasmo pelo trabalho alcançam a melhoria da existência. Em geral as pessoas dessa colônia vivem na pobreza»¹⁸.. Tendo em consideração a origem social dos emigrantes, a população mais pobre de origem rural foi considerada como mais predisposta ao processo de adaptação às novas condições. «Somente os agricultores, pequenos camponeses e empregados de fazenda, preparados e acostumados ao duro trabalho físico podem suportar as condições locais, extremamente diferentes, a moradia diversa e o regime alimentar específico»¹⁹.

O inspetor para as questões da emigração no estado do Paraná, irritado com as queixas dos colonos alemães na colônia de Apucarana, definiu-os, como demasiados «delicados» e em consequência «indesejáveis». Afirmou que são «demasiado civilizados» (*überkultiviert*) e exigem que nas colônias no Brasil tenham as mesmas condições que na Alemanha²⁰. Um representante diplomático alemão que visitou essa mesma colônia (em 1911) considerou que as autoridades brasileiras apresentam uma

17. AA. 09.01, 30347 k. 48 (1906).

18. AA, 09.01, 30350 k. 35 (1914).

19. AA, 09.01, 30347 k. 49 (1906).

20. AA, 09.01, 30356 k. 114 (1914).

atitude mais favorável em relação aos emigrantes poloneses e russos do que aos alemães. Pensava que as autoridades dificultavam a colonização alemã, a fim de tira-la do Paraná. O representante alemão sugeriu a realização da seleção ainda no país e a possibilitação da emigração para aquele estado unicamente para aqueles que possuem capital e que no Brasil possam viver independentemente de subsídios. Em geral os cônsules alemães davam-se conta de que a colonização dos camponeses poloneses processava-se frequentemente em condições mais difíceis do que a alemã. Sobre o início da colonização no Paraná escreviam: «centenas de famílias polonesas e russas foram transportadas para colônias completamente despreparadas [...]. Tiveram de suportar as piores condições sanitárias, em miséria e fome, aproveitados de maneira inadmissível. Somente graças a humilde paciência, modéstia e falta de exigências o elemento eslavo pode sobreviver aquelas condições»²¹.

Unicamente em algumas colônias conseguiu-se superar as dificuldades iniciais e conduzir uma exploração agrária intensiva. Na colônia de Ijuh (Rio Grande do Sul) cultivava-se o milho, o feijão, a batata, mandioca, como também cereais, cana de açúcar e tabaco. A condução de tão diferentes culturas agrárias era possível graças ao solo fértil irrigado pelos inúmeros afluentes do rio Ijuh. O excesso dos produtos agrários produzidos na colônia encontrava suficiente escoamento nas regiões próximas e nas duas cidades afastadas cerca de 40 quilômetros. Daí se tirava também, ao lado dos citados produtos, a banha, toucinho, mel, cera, erva-mate, couros e madeira em forma de táboas e de dormentes. Essa colônia era numerosa e compreendia, em 1907, cerca de 10 mil pessoas. A metade era composta por Brasileiros; o resto quase em iguais proporções de Alemães, Italianos e Poloneses. Seria difícil identificar o desenvolvimento dessa colônia com a atividade de um grupo imigracional. Antes, as condições naturais favoráveis e a possibilidade de escoamento dos produtos eram os principais fatores do seu desenvolvimento. Sobre a população dessa colônia o cônsul alemão escreveu: «Entre os colonos domina a concordância e satisfação. Estão prontos a se ajudarem mutuamente. Ve-se como trabalham bem e procuram melhorar suas condições habitacionais. Essa tendência caracteriza os colonos alemães, que dão as suas moradias nas antigas colônias uma apa-

21. AA, 09.01, 30356 k. 4 (1911).

rência urbana»²². O cuidado dos colonos alemães para habitarem de outro modo, pode-se traduzir como o desejo de transladação do nível de vida que conheceram no país. Durante a estadia do autor do relatório, em 1907, na colônia, pela primeira vez, a pobreza provocada pela má colheita ameaçava os seus habitantes. A seca e a praga de gafanhotos destruiu suas colheitas e para cobrir as perdas daí resultantes procuravam ganhos na construção de estradas. Esse insucesso passageiro não prejudicou o incessante desenvolvimento da colônia que, em 1913, pode se orgulhar da venda de: «4400 sacos de feijão preto, 16 000 sacos de milho, 2700 arrobas de erva-mate, 342 000 kg de banha, 80 600 kg de tabaco, 73 mil táboas, 11 mil dormentes»²³.

Entretanto, em geral a situação delineava-se menos promissora. Por exemplo, em oito colônias no Paraná «durante os últimos tres anos os colonos sofreram grandes perdas. Os sucessivos anos trouxeram inesperadas catástrofes naturais, que contribuíram para a destruição das colheitas. Em 1908 por essa região passou a praga dos gafanhotos, no ano seguinte dos ratos, e em 1910 a seca durou cinco meses. Na colônia de Irati, na passagem dos anos 1909 e 1910, a epidemia de tifo provocou um grande número de mortes, enquanto muitos chefes de família ficaram incapacitados de trabalhar»²⁴. Destituídas dos meios de vida, as famílias defendiam-se ante a miséria deixando as colônias e fugindo para as cidades próximas. Com frequência tinham dificuldades em encontrar aí ocupação remunerada, inclusive nas cidades onde o Consulado servia de intermediário na procura de trabalho para seus membros. «Pessoas em separado e famílias inteiras [...] chegam com o resto de suas posses a Porto Alegre e agora, aqui, destituídas dos meios de vida permanecem nas ruas. O Consulado trata de assegurar-lhes possibilidade de remuneração, mas não está em condições de garantir trabalho para o numeroso grupo de desempregados. Não existe assistência social pública para os pobres e eles podem contar unicamente com a esmola da parte de pessoas privadas»²⁵. O Cônsul de Porto Alegre, em 1914, inquieto com a sorte dos imigrantes alemães solicitou que os cidadãos do Eixo Alemão pudessem, igualmente como os Holandeses, retornar à pátria às custas do país de origem. Certas somas para cobrir os custos de viagem para os

22. AA, 09.01, 30356 k. 8 (1907).

23. AA, 09.01, 30350 k. 29 (1914).

24. AA, 09.01, 30356 k. 10 (1911).

25. AA, 09.01, 30350 k. 35 (1914).

reemigrantes o Consulado obteve dos fundos estatais brasileiros. Forneceram ajuda aos compatriotas aqueles habitantes das cidades, que se encontravam em melhor situação. Quando na colónia de Guaraná reinou a fome, algumas dezenas de famílias de Porto Alegre, estimuladas pelos apelos da imprensa alemã local ofereceu ajuda em dinheiro para os ameaçados. Isto foi possível, quando a população alemã estabelecida na cidade era forte economicamente, como por exemplo em Santa Maria (Rio Grande do Sul) onde segundo afirmações do cônsul alemão desde há muito habitava «a mais forte camada da população alemã, que se compunha de artesãos e proprietários de pequenas fábricas, que para aqui vieram de São Leopoldo»²⁶. Entretanto, em geral a população alemã estabelecida nas cidades não havia alcançado a alta posição conhecida do período posterior.

No período em questão, é igualmente ainda difícil falar de um sistema escolar alemão desenvolvido. Em resultado da debilidade económica era difícil estimular os colonos a criar escolas. Em algumas colónias existiam escolas públicas brasileiras, mas a falta de recursos para a construção de dependências e pagamento dos professores limitava o seu número. Entre as oitos caracterizadas colónias no Paraná, unicamente em Irati, em sua maior parte habitada pelos Alemães, havia escola primária com professor pago pelas autoridades estaduais. «Por causa do desconhecimento da língua portuguesa as crianças a frequentavam de maneira irregular [...]. Contudo, foram trazidos alguns manuais que servem aos estudos das crianças em casa»²⁷. O traço característico da comunidade imigracional camponesa existente tanto entre os imigrantes poloneses como alemães era o desprezo pelas questões da instrução das crianças. Como causa do inadequado desenvolvimento da rede de escolas alemãs lá onde o nível económico parecia ser satisfatório, os autores das fontes em estudo citam a avareza dos camponeses alemães e as dificuldades em encontrar o pessoal adequado. No Rio Grande do Sul essa última questão tentou-se solucionar criando em Santa Cruz um seminário de professores. Ao contrário do sistema escolar das colónias polonesas, completamente dependente da situação material dos colonos, os fundos para o desenvolvimento do sistema escolar alemão vinham em sua maior parte do seu país de origem. Em princípio deveriam servir mais à sus-

26. *Ibidem*, k. 42.

27. AA, 09.01, 30356 k. 15 (1911).

tentação do espírito nacional alemão do que à melhoria da existência da emigração camponesa. Na prática contribuíram para a elevação da educação e do nível geral dos emigrantes.

Possuindo a instrução elementar em língua alemã, na etapa seguinte de estudo dava-se conta de que a dominação do idioma português constituía a condição do avanço. «Quem tem intenção de seguir aprendendo e quer preparar-se para exercer melhor profissão, não irá muito longe com o seu alemão»²⁸. Os planos para a criação dum ginásio alemão eram ligados com a necessidade da formação da juventude para «a vida prática» e era sublinhada a necessidade da criação de estabelecimentos tendo como objetivo o estudo do português. Parte da população estabelecida nas cidades dominava mais rapidamente o idioma do novo país. «Eles estão quase completamente absorvidos pelas questões do estado brasileiro [...]. As crianças estão acostumadas em casa a usar o idioma brasileiro como língua corrente, pensam e expressam-se mais facilmente nesse idioma, mais fácil para eles»²⁹.

Varias vezes os autores das fontes citadas voltam à questão da atitude negativa em relação aos Alemães. Comparando a sua situação com a dos colonos italianos, o cônsul de Porto Alegre escreveu sobre esses últimos: «As autoridades lhes temem pois agem coletivamente se consideram que a um deles foi feita injustiça. Através da ação coletiva alcançam o que não poderiam obter através das queixas individuais. Apesar dessa propriedade os Italianos são objeto de menor má-vontade do que os Alemães. Não se fala do "perigo italiano". Não são odiados porque ninguém os teme. De nós têm medo como os montanhese alpinos temem as lavinas que podem cair sobre os tetos das suas casas»³⁰. Surge a pergunta de se a causa de certa atitude negativa em relação aos Alemães é constituída por suas exigências a priori, se outras características que decidem sobre a sua particularidade?

O traço que diferenciava as pessoas de origem alemã era a sua filiação à igreja protestante e evangélica. Do material analisado não resulta que a diferença de religião tenha tido influência no carácter dos contatos diretos nas colónias mistas do ponto de vista das nacionalidades. Nada indica que surgissem conflitos no pano de fundo religioso.

28. AA, 09.01, 30350 k. 12 (1911).

29. *Ibidem*, k. 43-44.

30. *Ibidem*, k. 3.

Na comparação dos imigrantes de origem alemã com os nativos e outros grupos imigracionais, os autores das fontes analisadas sublinharam entretanto que os Alemães tinham sentimento de particularidade e distinguíam-se por uma série de características que estimavam como positivas: «Os Germanos são distinguidos pela religião, nível de sua economia e cultura. São aplicados, trabalhadores e gostam da ordem. Mantêm a esmerada limpeza em suas casas, inclusive quando não têm tantas posses. Os nativos (luso-romanos) foram dotados de traços contrários. Aproveitam os dons da natureza (*ist Genussnatur*) e não foram criados para o trabalho na "roça" e nas plantações, que os limita. A experiência de muitos anos indica que o Brasileiro entre os Alemães não aguenta muito tempo. Não se sentem bem entre os Alemães e deixa as colônias alemãs»³¹. O sentimento de superioridade face aos nativos caracterizava igualmente os emigrantes poloneses. «Acostumados de que cada pedaço de terra deve ser aproveitado, que o trabalho na lavoura é uma obrigação resultante da natureza das coisas, os emigrantes ficaram surpreendidos — para não dizer escandalizados — com o primitivismo da agricultura brasileira»³². Os emigrantes estabelecidos nas terras fracamente exploradas não podiam compreender a atitude dos nativos, cujo trabalho não estava orientado para o lucro. Estavam convencidos de que eram algo melhor, ao se compararem com a população local, que viviam em condições diferentes que as europeias.

Segundo as fontes analisadas, a imigração alemã nas terras onde constituía a maioria entre outros imigrantes da Europa formava um grupo dominante. «É coisa fundamental que a comunidade alemã [no Rio Grande do Sul — *E.A.*] atraia não só os Germanos, mas também os Austro-Alemães Suiços, Holandeses, Suecos, Dinamarqueses, cujo parentesco espiritual aproxima da grande nação irmã, mas igualmente raças alheias como os Checos, Poloneses, Húngaros [...]. Os Eslavos e Húngaros, se lhes é dado escolher entre os Alemães e o Luso [Brasileiro — *E.A.*] escolhem os primeiros. Eles se conhecem mutuamente, não lhes parecem mutuamente estranhos e se atraem [...]. O Polonês com prazer aprende e fala o alemão. Escolhe uma companheira alemã para viver»³³.

Em geral as colônias não eram homogêneas do ponto de vista das nacionalidades e sobre o seu carácter decidia o maior número dos representantes

31. *Ibidem*, k. 10.

32. M. Kula: *Podziw i pagarda [Admiração e Desprezo]*, em: *Sąsiedz i inni*, Warszawa 1978, p. 219.

33. AA. 09.01. 30350 k.12-13.

de uma nação. Eis porque também as famílias isoladas polonesas nos grandes aglomerados de população alemã podiam fazer uso do idioma dessa maioria. Além disto, o sentido da comunidade cultural da população chegada da Europa provocava a sua atração mútua no país de civilização alheia. Uma das causas da inclinação em direção aos Alemães era, em geral, o seu nível superior de cultura.

Assim como entre os imigrantes poloneses, da mesma maneira entre os Alemães a vida nas novas condições desenvolvia o sentimento do valor da dignidade próprias. «Em comparação com o Alemão do país (*Deutschländer*) é o Alemão brasileiro (*Deutschbrasilianer*) um trabalhador mais destemido e mais consciente de seu valor [...]. Uma vez estabelecido, torna-se sabidão e resmungão, mas como pessoa que destacou-se por suas próprias forças encontra-se satisfeito com as suas novas condições, calmo e mais independente [...]. E quando aprende as coisas práticas do Alemão brasileiro, distingue-se por sua instrução melhor, inteligência mais desenvolvida, e seu espírito disciplinado traz-lhe proveito não só nas coisas referentes a dinheiro e salário»³⁴. O relatório citado indica que os colonos estavam satisfeitos com a sua nova situação.

Apesar de uma série de traços e virtudes que distinguiam positivamente os Alemães, esses imigrantes eram inseridos no grupo da população mais pobre, inferiormente colocados na hierarquia social do novo país. O Cônsul alemão afirmava com amargor que não representavam dignamente o espírito alemão. «Em primeiro, as crianças alemãs são criadas no Rio Grande do Sul e ninguém e nada procura consciencializá-las quanto aos valores culturais alemães. O que uma criança como esta sabe da potência, esplendor e grandeza da Alemanha? Por outro lado, entra em contato com o funcionário brasileiro de nível superior, com grandes proprietários de terra e negociantes, o que para as pessoas inexperientes pode encher os olhos. Comparando o desajeitado jovem alemão camponês com o jovem brasileiro ágil e elegante pode-se, com frequência, perder a medida da grandeza de ambas as culturas. O Brasileiro pouco esclarecido está pronto a considerar o pobre imigrante, que aqui se encontra para no Brasil ganhar o pão de cada dia, como típico representante da Alemanha. Igual e deformada imagem obtem-se fazendo a apreciação à base dos Alemães aqui nascidos»³⁵. O fato de se apelar para os

34. *Ibidem*, k. 10-11.

35. *Ibidem*, k. 14.

exemplos da elite brasileira indica que o imigrante alemão tinha mais contato com essa do que com a própria elite. Pode-se pensar que esta última era pouco numerosa e significativa.

A ação de colonização imprópriamente conduzida pelas autoridades brasileiras dificultava, e com frequência impossibilitava a condução de uma exploração agrária orientada para o lucro. A necessidade de se encontrar rapidamente dinheiro para a satisfação das necessidades correntes lançava a um plano posterior a exploração da terra. As condições naturais diferentes exigiam o domínio de novas culturas agrárias, próprias para esses terrenos, e eficiente preparação do solo para o cultivo de plantas conhecidas na Europa. Dependendo da qualidade da terra, do grau de irrigação do solo, da apresentação de catástrofes naturais que destruíam os produtos, das doenças que limitavam a produtividade do trabalho e destruíam o organismo, os colonos conseguiram se adaptar às condições locais em diferentes graus. A maior parte deles não tinha possibilidades de se elevar ao nível dos mais prósperos. Somente em algumas colônias, situadas mais próximas dos mercados de escoamento era desenvolvida, promissoramente, uma intensiva atividade econômica.

face à administração brasileira os imigrantes alemães apresentavam uma decidida atitude na execução da ajuda que lhes era devida. Pelo menos em certo grau isso se traduzia pela origem social dessa imigração, que em maior parte que a polonesa provinha dos meios rurais. A população da qual se fala, familiarizada com diversas formas de autogestão e com a legislação social. As suas experiências no âmbito da defesa dos próprios direitos procurou transladar para a realidade do novo país. Parece que a atitude decidida da imigração e o apoio de parte dos órgãos oficiais alemães colocavam esse grupo numa posição privilegiada. Em sua relação tinha-se, num grau maior, de respeitar as disposições existentes. Pode-se supor que para evitar os problemas que os Alemães provocavam com suas exigências, as autoridades estaduais procuravam situá-los nos terrenos que ofereciam chance para uma mais rápida estabilização. O nível superior de instrução distinguia também os imigrantes alemães. Entretanto, tudo isto não constituiu condição suficiente para alcançar melhores resultados na exploração da propriedade. As opiniões positivas citadas no artigo estavam apoiadas principalmente nos exemplos de algumas colônias que melhor prosperavam, situadas em terrenos que favoreciam a exploração agrária intensiva. O material analisado

indica que em parte predominante das colónias, as explorações dos camponeses alemães não se configuravam promissorammente, que permitisse falar de uma preponderância económica desse grupo.

Igualmente aos imigrantes alemães referia-se a caracterização da agricultura paranaense dada pelo consulado imperial, em 1898: «Os agricultores satisfazem-se com o que seja indispensável para a manutenção da família e resignam da conquista de melhores colheitas. Isto se refere não só aos cereais para fazer o pão, às batatas, manteiga, queijo, mas também à forragem — feno e lucerna. Do mesmo modo configuram-se as questões da criação do gado. Durante os últimos anos aumentou a quantidade de cabeças de gado bovino, mas para a satisfação da demanda de cavalos e mulas, o Paraná depende dos estados do sul. Grande significado tem a criação de porcos, mas apesar disto o presunto e as linguiças são trazidas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul [...]. Nada se faz com o fim de melhorar a raça dos animais. As tentativas empreendidas nesse sentido pelos proprietários privados são pouco eficazes, por que faltam-lhes continuidade. A atividade de até agora no domínio da elevação da qualidade da raça dos animais não trouxe quaisquer resultados positivos. Além disto, a economia agrária relacionada com a queima da floresta influencia a diminuição da quantidade de pastos naturais e a limitação da criação de gado. Com frequência, nos terrenos onde cresciam bons géneros de campim, não se consegue cultivar outras plantas, por exemplo, parreiras e cereais, particularmente o trigo [...]. Não se conduz nesses terrenos melhoramentos, não se atribui maior importância aos adubos, inclusive nos arredores de Curitiba são desconhecidos os adubos químicos»³⁶.

Com o tempo a minoria alemã obteve uma melhor — em comparação com outras comunidades imigracionais, incluindo também o grupo polonês — posição na economia e na hierarquia social do Brasil. O crescimento do significado da imigração alemã deve-se, entretanto, ligar com o período dos vinte anos de entreguerras e a expansão económica da Alemanha. Os contatos comerciais ampliados e os capitais que afluíam da Alemanha dinamizaram a atividade económica dos imigrantes e contribuíram para o avanço económico e social de um maior número de representantes desse grupo.

36. AA, 09.01, 30351 k. 126 p. 21-23 (1900).